

Bonecos de presépio - uma tradição de natal



Presépio, da autoria de Luís Gouveia, em barro, gesso e madeira (col. Museu Carlos Machado).

O presépio constitui um dos elementos centrais do Natal e é uma representação que evoca o momento do nascimento de Jesus Cristo em Belém. A sua origem remonta ao ano de 1223, em Itália, sendo atribuída à ação de S. Francisco de Assis.

A encenação do presépio é conseguida através da composição de várias figuras que lhe conferem brilho, cor e movimento, sendo o menino Jesus o elemento central de um conjunto de outras personagens, as quais inicialmente eram apenas de natureza bíblica mas que, com o tempo, passaram também a representar arquétipos profanos.

Em S. Miguel, as primeiras referências a presépios remontam ao século XVI, por influência da fixação na ilha da Ordem dos Franciscanos. Porém, foi no século XVII que apareceram as primeiras *lapinhas*, confeccionadas pelas religiosas nos conventos, decoradas com minúsculas conchas e flores artificiais de seda, penas, escamas de peixe, cera, papel e algodão, de onde sobressaíam figuras de barro representando a Sagrada Família.

No século XVIII assistiu-se a um maior brilho e expansão dos presépios em S. Miguel, sobretudo devido à influência de escultores continentais, como Machado de Castro, sendo possível encontrar, ainda hoje, vários exemplares de *lapinhas* dessa época, em igrejas e casas particulares. Contribuindo para a sua decoração, é de realçar a produção nos conventos de flores artificiais, ou *flores de freira*, a qual teve

grande desenvolvimento nesse século. Quanto às figuras de barro para os presépios, eram modeladas localmente, na sua maioria, por artesãos anónimos.

No século XIX, os presépios entraram no domínio da arte popular e, em S. Miguel, com a fundação de fábricas de cerâmica na Vila da Lagoa, na segunda metade do século, deu-se a expansão e o aperfeiçoamento dos bonecos de presépio, que passaram a ser produzidos com a técnica de molde.

Para além da representação do quadro da natividade de Jesus e de outros cenários e personagens bíblicas, os barristas da ilha dedicaram-se também à reprodução de situações e de figuras do seu quotidiano, surgindo assim, a mulher de capote e capelo, o homem de carapuça, oromeiro, os foliões, a matança do porco, a banda de música, entre muitos outros.

A composição do presépio, constituída por bonecos de barro produzidos localmente, refletia então a criatividade individual de muitos populares, que se dedicavam à arte de armar o presépio, que tanto podia ser pequeno, como alcançar a dimensão de um quarto, o quarto do presépio, pleno de luz, cor, às vezes movimento, e de inúmeras figurinhas encenando diversos quadros bíblicos, que coexistiam com representações de vivências quotidianas típicas.

O processo de fabrico dos bonecos de presépio tradicionais de São Miguel, feitos de barro, de origem local e, mais tarde, proveniente da vizinha ilha de Santa Maria,



Rei Mago, molde (col. Museu Carlos Machado).



Rei Mago, figura (col. Museu Carlos Machado).



Luís Gouveia (col. Arquivo da Câmara Municipal de Lagoa).

utilizando um molde de gesso, integra várias etapas: o artífice coloca uma pequena porção de barro, previamente amassado, na forma de gesso composta por duas peças que se justapõem, com a frente e verso do boneco pretendido respetivamente esculpidas. O barro é prensado no molde obtendo-se o boneco que, depois de desformado, é colocado sobre tábuas, ou em tabuleiros de madeira, para secar ao ar. Quando a figura já está bem seca o artífice apara os excessos, ou, como habitualmente diziam, *freta* o boneco. Seguem-se a cozedura e a pintura, ou, por vezes, apenas esta última. Inicialmente os barristas utilizavam tintas concebidas nas fábricas de cerâmica da lagoa, recorrendo mais tarde a uma mistura de pó colorido, goma-

Um “bonecreiro” de exceção

Luís da Luz Gouveia (1921-1969), natural da Lagoa, desde cedo se iniciou na arte de trabalhar o barro. Desenvolveu as suas aptidões artísticas na Fábrica de Cerâmica Vieira, onde foi responsável da secção de modelagem e pintura. Detentor de grande sensibilidade regionalista, teve um papel significativo no processo de renovação da produção de cerâmica de costumes da Lagoa, que se iniciou nos anos 30 do século XX e se acentuou nas décadas seguintes. Autor de diversas peças decorativas, foi o mais criativo dos barristas lagoenses e mestre de uma geração de bonecreiros, tendo criado inúmeras figuras de temática regional. Na oficina que criou em casa produziu inúmeros bonecos de presépio policromados, assentes numa base, por vezes com legenda identificando o tipo e a ilha. ♦

arábica e água. Em alguns casos procediam ainda ao envernizamento das figuras. Hoje, este processo de fabrico mantém-se na generalidade, mas as tintas utilizadas são adquiridas pelos artesãos.

O contato dos artífices com figuras de presépio produzidas com outros materiais, como gesso e pasta de papel, e provenientes de outros locais do mundo, especialmente dos Estados Unidos da América, do continente português e de Itália, leva-os a aperfeiçoar a sua técnica.

Segundo do Dr. Carreiro da Costa, na arte popular dos bonecos de presépio, no século XIX, destacaram-se, entre outros, José Pombal, José Rodrigues Carroça e Manuel Almeida. A partir de meados do século XX merece especial destaque o trabalho de Luís Gouveia, pela perfeição e pormenor das formas e pelo equilíbrio das cores que imprimia aos seus bonecos de presépio.

Atualmente, artesãos locais continuam a dedicar-se, com empenho e preciosa habilidade, à produção de bonecos de presépio, contribuindo para manter viva uma das mais belas demonstrações da religiosidade do povo açoriano. ♦

SÍLVIA FONSECA E SOUSA
MUSEU CARLOS MACHADO
silvia.mb.sousa@azores.gov.pt

PROMOTOR



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA
Direção Regional da Cultura